

MOMENTO feminino

Lavrado, 55, Sala 14 — RIO

6.ª Feira, 13 de fevereiro de 1948

CR\$ 1,00 * ANO I * N.º 29

UM JORNAL PARA O SEU LAZ



Dircinha Batista

NOSSOS PROBLEMAS

ARCELINA MOCHEL

O clamoroso caso do pão — A vida do povo a mercê da ineptia do Governo

É impossível esconder-se o desespero que vêm de todos os lares, rompendo essa gravíssima situação de carestia, agora mais acentuada, com a iminência até de nos faltar o pão.

O desespero de tôdas as famílias tende a crescer e, de certo, atingirá proporções muito sérias, se o governo não tomar uma providência imediata, em benefício do povo depauperado e faminto.

A verdade é que ninguém pôde mais justificar os erros da administração atual com o sacrifício da vida de nossa gente.

A cada dia os fatos se acentuam, na comprovação de que nada se resolve para minorar, sequer, nossas dificuldades, nossos sofrimentos.

A carestia assume características desconhecidas e assombrosas. Não se pôde mais nem comer. O povo vai definhando, se liquidando fisicamente.

A grande maioria da população carioca está comendo uma vez por dia.

O pão das crianças, da sôpa dos velhos, mesmo duro e sem manteiga, enganava o estômago de muita gente. Pois bem, até isso vai faltar.

O governo da cidade não vê uma saída justa para o problema. Pensa que ainda se vai atrás de medidas demagógicas, que só servem para desviar a atenção do povo. O que deveria estar fazendo era estabelecer um ponto de vista acertado para evitar a falta do pão que nos está ameaçando. Fica em reuniões improficuas nos recintos fechados, reexaminando sempre o mesmo assunto com a CCP e nomeando novas sub-comissões do trigo.

O trigo que existe em "stock" dá apenas para duas semanas, apesar de misturado com farinha de arroz e raspa de mandioca. É preciso não esquecer que a percentagem dessa raspa está subindo a 30% nos moinhos exploradores, que não se incomodam com a qualidade do pão assim misturado.

Pelo que sabemos o pão vai pesar 40 gramas e será vendido a 40 centavos cada um.

Depois destas duas semanas, vamos nos conformar sem o pão? O fato é que a situação é revoltante, insu-

portável. Dia a dia mais um problema contra a economia familiar, contra os interesses da bolsa do pobre.

As mulheres não se conformam com isso. Seu protesto vai se tornando mais enérgico, á medida que as necessidades vão crescendo. Ninguém pôde ficar indiferente á situação. Só mesmo os nababescos não sentem a angústia das mulheres em face á carestia assombrosa que aí vemos.

Entretanto, não há problema insolúvel. Se o governo soubesse zelar pelo bem estar do povo, de há muito que essas coisas já teriam tomado rumo certo.

Agora é a vez do pão. Se o acôrdo com a Argentina fracassou e se os Estados Unidos proibiram a exportação do trigo, deveríamos ter recorrido a qualquer outro mercado ou urgenciado a cultura nacional. Mas não. Fica o governo conferenciando com os seus prepostos, com os diretores dos moinhos, com a C.C.P. — de onde não sai nada — e por outro lado corta os créditos aos agricultores do sul.

Como vemos, o descaso pelos reais interesses do povo é flagrante, pois nesse vai e vem de entendimentos e manobras, o pobre trabalhador é sempre o sacrificado.

Não há dona de casa que esteja satisfeita com essa situação e, agora mesmo, se faltar o pão elas vão gritar mais alto.

Urge que se levante incontinenti uma poderosa campanha contra a fome, contra o aniquilamento físico de nosso povo.

Essa campanha trará a descoberto a realidade da vida do carioca, através inquéritos populares. É o próprio povo que vai falar de sua situação.

Logo se vê que essa campanha vai contar com o apóio de todos, principalmente porque será liderada pelas mulheres organizadas, que vêem demonstrando seu interesse do combate acérrimo á carestia.

O que não é mais possível é se deixar vencer pela fome e reduzir ao mínimo a existência.

Este é o problema central de tôdas as mulheres nesta hora em que todos se unem para defender a própria sobrevivência.

MOMENTO Feminino

EXPEDIENTE
Diretora:

ARCELINA MOCHEL
Gerente:

LUIZA REGIS BRAZ

Redação e Administração:
RUA DO LAVRADIO, 55
Sala 14 — C. Postal, 2013

Rio de Janeiro

Número Avulso. Cr\$ 1,00
Atrasado Cr\$ 2,00

(NOSSA CAPA)

Dircinha Batista

Dircinha, nasceu, como se pode dizer, com a música na alma. Filha e irmã de artistas, desde garôta foi uma revelação. Aos 8 anos, gravou os seus primeiros discos: "Borboleta Azul" e "Dircinha", músicas de seu pai. Sempre viveu no rádio, passando por diversas estações: Ipanema, Nacional, Rádio Clube, Mayrink Veiga e, atualmente está, há 5 anos, na Rádio Tupi. Participou de uma série de filmes nacionais. Querida e admirada por todos, é amável, sorridente e de bom humor. Uma legítima representante da nova geração... Sim, porque Dircinha Batista, apesar de veterana no mundo da música, é ainda muito jovem. Conta apenas 24 anos. Morena, olhos vivos, agradável, eis o retrato que Dircinha Batista oferece às leitoras de "Momento Feminino". "Rainha do Rádio", levará com honra e dignidade a coroa que lhe cabe por direito. "Momento Feminino" saúda Dircinha Batista.

O MUNDO DE HOJE



O MUNDO DE HOJE



O MUNDO DE HOJE

ENEIDA

Um dos jornais comentou há dias, num canto esquecido de uma 4.^a página estes dados: 50% das mulheres da América Latina não sabem ler nem escrever. Em Cuba, por exemplo só 33% das meninas em idade escolar fre-

quentam aulas e na Venezuela só 163 mulheres tiveram até agora educação universitária. E no Brasil? isso é uma coisa que não dizem as nossas estatísticas. No Brasil qual a percentagem de analfabetos do sexo feminino?

Um jornal de Londres referindo-se a Eva Perón disse que antes dela nenhuma outra mulher na Argentina dedicou-se á política. As mulheres argentinas responderam assim: "Ocupamos desde há meio século nosso posto de luta por nossa conta em defesa dos direitos das mulheres mães e cidadãs.

Há meio século que realizamos congressos femininos representando milhares de mulheres com suas inquietações políticas, sindicais, culturais e sociais.

Em síntese: um jornal londrino pretendeu descobrir uma

novo traço da vida argentina: a ação política da mulher. mento dizemos nós mulheres políticas da Argentina.

E ainda da Argentina nos vêm esta notícia: No dia 3 de janeiro quando Franco ia assassinar Zorua, um grupo de mulheres integrantes da União das Mulheres da Argentina dirigiu-se á sede da Embaixada da Espanha para entregar um memorial de protesto contra mais essa monstruosidade do fascismo espanhol. Ali chegando foram agredidas a sabres e revólveres e presas pela policia política. Uma semana passaram 56 mulheres sofrendo nas mãos da policia peronista, só tendo obtido liberdade pela solidariedade das demais mulheres pela celeuma levantada na Camara e pela grande mobilização popular.

É assim triste o panorama da América Latina. Nossa so-

lidariedade moral, tardia é verdade, mas afetuosa e forte, vai aqui nestas linhas ás novas mulheres anti-fascistas da Argentina.

Elas fêram presas e sofreram porque com nós amam a liberdade.

Neruda, o grande poeta, um dos maiores do mundo atual sofre tãta a sorte de perseguições. No Chile, o imperialismo yanqui tem em

Videla um cão de luxo, dócil e humilde. E seus desmandos atingem até o maior de seus homens: Neruda, o poeta da América.

Há presas (que se saiba) no Paraguai de Morinigo afogado em sangue e em cárceres, 30 mulheres. Os campos de concentração se multiplicam e o povo paraguaio com suas valentes mulheres luta pela liberdade de seus presos.

Solidarizemo-nos com essa luta. Solidarizemo-nos com essas 30 vítimas de Morinigo,

AMIGAS:

Não esqueçam de vir

MOMENTO Feminino

Não deixem este nosso apêlo ficar em vão. Vocês sabem das dificuldades que nos surgem a todo instante; sabem como é difícil manter um jornal como o nosso. Então devem ajudar-nos. Não esqueçam isso. Venham urgentemente prestar contas

TRATAMENTO DO CASAL ESTÉRIL
MOLÉSTIAS DE SENHORAS — OPERAÇÕES

DR. CAMPOS DA PAZ FILHO

GINECOLOGISTA

Caixa P. Light — Laureado pela Academia de Medicina
Edifício CARIOCA - Sala 218 - Tels.: 42-7550 e 38-5658



UM ANIVERSARIO

Olga Brenário Prestes fez anos ontem.

Essa mulher que se transformou para nós num símbolo de bravura, de dedicação e de amor, era uma doce criatura que amava a vida, que tinha os olhos abertos para os sofrimentos e as alegrias, que amava o povo vibrando com ele nas suas aspirações e nas suas vitórias. Olga Brenário era uma mulher simples e doce. Amando seu marido com toda a ternura de uma mulher apaixonada, Olga jamais deixou de ser a lutadora anti-fascista, consciente do papel que lhe cabia, certa da vitória que infelizmente não conseguiu ver.

Prisã pela polícia de fascistas em 1936, Olga sofreu os tormentos das prisões brasileiras com uma bravura sem igual. Naquêl momento preocupava-se pelo destino de seu marido, do povo brasileiro, da criancinha que trazia no ventre, dos seus companheiros de prisão, unindo todas essas preocupações numa só: a da grande luta pela democracia, contra o fascismo.

Tôdas conhecemos os sofrimentos de Olga, sua entrega a Hitler, seus sofrimentos nas prisões da Gestapo, seu comportamento exemplar de lutadora. Tôdas conhecemos em Olga a grande heroína, a boa amiga, a grande amiga. E nenhuma de nós poderá jamais esquecer a dor dessa mulher diante de sua maternidade. Sua filhinha nasceu num campo de concentração. Seu marido ficara distante nas mãos cheias de sangue dos seus verdugos. Mas era preciso — ela o sabia — viver para lutar, para criar a meninazinha, para ajudar o marido com sua ternura. Era preciso lutar. E Olga cumpriu essa tarefa com a serenidade dos que sabem que estão no caminho certo.

Lembremos hoje Olga Brenário Prestes, nêssê triste aniversário. Brasileira pela sua união com Luiz Carlos Prestes, Olga teria hoje, como nós, a tristeza de assistir, em nosso país, a miséria crescente do povo, a escravização cada vez maior ao dollar, o cerceamento das liberdades, o desrespeito à Constituição, as prisões, as provocações e as infâmias. Mas Olga ficou-nos como um exemplo e uma lição; lição e exemplo de como se deve lutar, infatigavelmente contra os inimigos de nossa pátria, contra os que nos querem tornar escravos, contra os que não respeitam nossos direitos de cidadãos e criaturas livres.

A lição e o exemplo de Olga são eloquentes; luta contra o fascismo sob qualquer forma, luta pela Democracia e pela Liberdade.

PORQUE LUTAM AS MULHERES

ANA MONTENEGRO (

Muitas pessoas perguntam por que só falamos de miséria. Não se conformam essas pessoas que, mesmo em nossos poemas, localizemos o problema da terra, a fome e a opressão do povo. Gostariam que falássemos de amor, de crepusculos, de madrugadas, de luar. Mas, como podemos falar de beleza, se os mortos não têm água, se as crianças não têm escolas, nem roupas, nem sapatos, se os salários de fome aos homens não dão para as mulheres comprarem comida? Como podemos falar de infinitos, de azul, de luz, se as crianças vivem entre quatro paredes sujas, sem sol e sem ar, nas casas coletivas? Como podemos falar de nossos próprios sentimentos, falar de amor que palpita em nosso coração, quando há milhares de mulheres que estão com o coração cheio de angustia, ameaçadas de desabrigo, com os companheiros tuberculosos, com os filhos famintos?

Nos, também, gostaríamos de falar de beleza, de escrever versos de amor. Compreendemos, porém, que estamos numa hora decisiva. Numa hora em que as mulheres que sofrem e as que sentem os sofrimentos de suas irmãs, devem fazer de todos os momentos, momentos de luta.

Desde 1945 que as mulheres vêm se organizando dentro das Uniãos Femininas, na luta contra a carestia e pela solução dos problemas mais imediatos de seus bairros. Utilizaram a forma de luta de memoriais, de protestos, encaminhando-os às autoridades, às três Camaras do Distrito Federal. No caso da banha, dos tecidos, conseguiram autorização da Prefeitura para comprar a preço de custo e, assim, podiam vender aqueles artigos muito mais barato às suas associadas. Depois, até essa autorização foi cassada. Logo, uma forma de luta mais intensa e mais positiva deve ser utilizada.

Embora desejassemos empregar outros termos, a respeito da situação, não podemos fazê-lo: a situação é de miséria. O Parlamento Nacional é a casa onde se manobra contra os interesses do povo. O tal projeto de congelamento dos salários é uma prova disso.

Até 1951 não será concedido nenhum aumento nos salários. E a fome. E será que nós, mulheres, vamos consentir que nossos filhos morram de fome?! Certamente que não. Vamos lutar. Vamos resistir. Vamos fazer os traidores da Nação, os esfomeadores do povo, recuarem em seus propósitos de aniquilamento físico dos brasileiros.

Nós sabemos de que têm sido capazes as mulheres de todos os tempos. Desde as verdadeiras dos mercados de Paris, na tomada da Bastilha, as guerrilheiras que combateram, de armas nas mãos, contra os nazistas invasores. Desde as mulheres bahianas que já utilizavam a forma de luta de guerrilhas, contra as tropas portuguesas, em 1823, na luta pela consolidação da Independência, até muitas de nós que, noite e dia, trabalhamos nas organizações de ajuda à FEB ou atravessamos os mares para ser-

vir de enfermeiras aos nossos irmãos combatentes. A perseguição que os governos fascistas movem às mulheres, aprisionando-as e condenando-as, em Portugal, Espanha, Paraguai, é uma prova de que as mulheres estão lutando, em todo o mundo, contra a miséria e a opressão.

Nos Estados Unidos, o governo imperialista de Truman, em sua fúria contra os negros e os democratas, prende Cláudia Jones e tenta expulsá-la do país.

As mulheres não vão deixar-se matar-se pela fome e pela sede. Na Favelinha já uma bica foi destruída. E' revoltante. Arrancar água de milhares de gargantas que não têm onde ir, buscá-la, ultrapassa a tudo

quanto podíamos esperar de um profeto que manda demoler barracos, deixando crianças e mulheres desabrigadas. As mulheres, quando lhes perguntarem porque lutam, responderão: Contra a fome, contra a sede, contra a traição.

E, consequentemente, tôdas nós, mulheres, estaremos lutando por beleza, porque quando não houver fome, quando a camponesa tiverem terra, quando os traidores e criminosos estiverem respondendo pelos seus crimes e traições, quando as mulheres tiverem casa e água, então falaremos de beleza, a beleza conquistada através uma luta corajosa, falaremos das realizações do povo unido e organizado e falaremos dos nossos sentimentos.

Como vive uma família no Rio de Janeiro

No Brasil, é muito difícil obtermos estatísticas sobre o nível de vida dos operários. Segundo consta, o salário médio de um industrial, no Rio de Janeiro, é de 700 cruzeiros mensais. Mas resolvemos desprezar a estatística e fomos verificar pessoalmente como é feito o orçamento de uma família operária. Escolhemos, uma família pequena, mais ou menos arranjada. Nada de barracos, nem tampouco de subúrbio... Uma família, até que remediada. Vejamos o orçamento.

Ele — operário na fábrica de Andaraí. Quinzenalista, e portanto excluído pelos magnatas, da lei do repouso remunerado. Ganha em média, mensalmente, 1.200 cruzeiros, descontando IAPI, feriado, domingos.

Ela — costureira, trabalhando nas oficinas d'A EXPOSIÇÃO. Salário, mensal. Também excluída a lei do repouso remunerado. Ganha em média 900 cruzeiros, excluídos os descontos.

3 filhos: — 2 meninos de 8 e 6 anos, e uma menina de 2 anos.

Residência: — Rio Comprido. Casinha pequena, 1 sala, 2 quatinhos, cozinha com fogão a óleo, adquirido pela casal, devido a falta de carvão. Banheiro e quintal.

Vejamos o orçamento:

RECEITA:

Ele 1.200,00
Ela 900,00

2.100,00

DESPESA:

Aluguel 380,00
Luz 40,00
Óleo para o fogão 50,00 (1)
Vizinha que toma conta das crianças 70,00
Pão (diariamente 3,00) 90,00
Armazém 500,00 (2)
Feira e quitanda 360,00 (3)
Leite 90,00
Açougue 112,00 (4)
Condução do casal 120,00
Farmácia 80,00

Total 1.892,00

108,00

Esses 108,00 cruzeiros se destinam aos extraordinários, médico, dentista, roupa para o casal e os filhos, livros para o garoto em idade escolar, doces e diversões...

(1) — o óleo custava 1,60 o litro. Quando acabou o carvão passou a 3,60 o litro.

(2) — feijão, arroz, farinha, açúcar, massas, banha, sabão, sal, objetos domésticos, como vassouras, escovas, etc.

(3) — frutas, legumes, ovos, etc.

(4) — carne e substitutos: fígado, vitela, porco, miolos, e peixe.

Como vive essa família? Como se veste, como se diverte? E' um verdadeiro mistério. Num mês fica a venda sem pagar, noutro, a quitanda, e com isso se tornam escravos. Jámais saldaram as contas e são eternos devedores. Dívidas que se avolumam, dentes que não tratados, saúde deixada de lado. E não se esqueçam que esta é uma família remediada... Que diremos das outras?

Oh! Uma história de máscaras! quem não a tem na sua vida? O carnaval só é interessante porque nos dá essa sensação de angustioso imprevisível... arrancamente. Toda a gente tem a sua história de carnaval, deliciosa ou macabra, lígida ou cheia de luxúrias atrozes. Um carnaval sem aventuras não é carnaval. Em mesmo este ano tive uma aventura...

É Heitor de Alencar esticava-se preguiçosamente no divã, gozando a nossa curiosidade.

Havia no gabinete o barão Belfort, Anatolio de Azambuja, de quem as mulheres tinham tanta implicância. Maria de Flor, a extravagante boêma, e todos ardiam por saber a aventura de Heitor, fundando um gianaclis autenticó, parecia absorto.

— É uma aventura alegre?

— Indaguei Maria.

— Conforme os temperamentos.

— Suja?

— Favorosa ao menos.

— De dia?

— Não. Pela madrugada.

— Mas, humem de Deus, conta! supplicava Anatolio. Olha que está adocendo a Maria.

Heitor puxou um largo trago à cigarreta.

— Não há quem não saia no Carnaval disposto ao excesso, disposto aos transportes da carne e às maiores extravagâncias. O desejo, quase doentio, é como inebriado, infiltrado pelo ambiente. Tudo respira luxúria, tudo tem da ansia e do espasmo e nesses quatro dias paranóicos, de pulos, de guinchos, de conhaques limitadas, tudo é possível. Não há quem se contente com uma...

— Nem com um, atalhou Anatolio.

— Os sorrisos são ofertas, os olhos supplicam, as gargalhadas passam como arrepessos de urtiga pelo ar. É possível que muita gente consiga ser indiferente. Eu sinto tudo isso. E saindo à noite, para a porneia da cidade, são como na Fenícia salami os navegadores para a procissão da Primavera, ou os alexandrinos para a noite de Afrodita.

— Muito bonito! cedeu Maria de Flor.

— Está claro que este ano organizei uma partida com quatro ou cinco atrizes e quatro ou cinco companheiros. Não me sentia com coragem de ficar só como um trapo no vagalhão de volúpia e de prazer da cidade. O grupo era o meu salva-vidas. No primeiro dia, no sábado, andamos de automóvel a percorrer os bailes. Jamos indistintamente beber champanhe aos clubes de jôgo que anunciavam baile e aos maxixes mais ordinários. Era divertidíssimo e ao quinto clube estávamos de todo excitados. Foi quando lembrei uma visita ao baile publico do Recreio — "Nossa Senhora!" disse a primeira estrela de revistas, que ia conosco. Mãe é horrível! Gente ordinária, marinheiros à paisana, fúrias dos pedaços mais escusos da rua de São Jorge, um cheiro atrás, rolos constantes. — Que tem isso? Não vamos juntos?

— Não interrompam o Heitor! fez o barão estendendo a mão.

Heitor acendeu outro gianaclis, ponta de ouro, sorriu, continuou:

— Não o vi mais nessa noite, e segunda-feira não o vi também. Na terça desliguei-me do grupo e caí no mar alto da depravação, só, com uma roupa leve por cima da pele e todos os maus instintos fustigados. De resto a cidade inteira estava assim. E' o momento em que por trás das máscaras as meninas confessam paixões aos rapazes, é o instante em que as ligações mais secretas transparecem, em que a virgindade é dúbia e todos nós a achamos inútil, a honra uma caceteação, o bom-senso uma fadga. Nesse momento tudo é possível, os maiores absurdos, os maiores crimes: nesse momento há um riso que galvaniza os sentidos e o beijo se desata naturalmente.

Eu estava trepidante, com uma ansia de acanhar-me, quase mórbida. Nada de raparigas do galarim perfumadas e por demais conhecidas, nada do contacto familiar, mais o deboche anónimo, o deboche ritual de chegar, pegar, acabar, continuar. Era ignóbil. Felizmente muita gente sofre do mesmo mal no carnaval.

— A quem o dizes... suspirou Maria de Flor.

— Mas eu estava sem sorte,

O bebê de Tarlatana Rosa

JOÃO DO RIO

têm as perdas de certas ruas, moças, mas com os traços como amassados e todas pálidas, pálidas feitas de pasta de mataborrão e de papel de arroz. Não havia nada de novo. Apenas, como o grupo parara diante dos Mansarinos, eu senti que roçava em mim, gordinho e apeteçvel, um bebê de tarlatana rosa. Olhei-lhe as pernas de meia curta. Bonitas. Verifiquei os braços, o caldo das espáduas, a curva do seio. Bem agradável. Quanto ao rosto era um rostinho atrevido, com dois olhos perversos e uma boca polpuda como se ofertando. Só postico trazia o nariz, um nariz tão bem feito, tão acertado, que foi preciso observar para verificá-lo falso. Não tive dúvida. Passei a mão e preguei-lhe um beliscão. O bebê caiu mais e disse num suspiro: — ai que dói! Estão vocês a ver que eu fiquei imediatamente disposto a fugir do grupo. Mas comigo iam cinco ou seis damas elegantes, capazes de se debochar mas de não perdoar os excessos alheios, e era sem linha correr assim abandonando-as, atrás de uma frequenciadora dos bailes do Recreio. Voltamos para os automóveis e fomos ceiar no clube mais chic e mais secante da cidade.

— E o bebê?

— O bebê ficou. Mas no domingo, em plena Avenida, indo eu ao lado do chauffeur, no borborinho colossal, sent um beliscão na perna e uma voz rouca dizer: "para pagar o de ontem". Olhei. Era o bebê rosa, sorrindo, com o nariz postico, aquêle nariz tão perfeito. Ainda tive tempo de indagar: onde vais?

— A toda parte! respondeu, hoje?

perdendo-se num grupo tumultuoso.

— Estava perseguindo-te! — comentou Maria de Flor.

— Talvez fôsse um homem... soprou desconfiado o amável Anatolio.

— Não interrompam o Heitor!

Heitor acendeu outro gianaclis, ponta de ouro, sorriu, continuou:

— Não o vi mais nessa noite, e segunda-feira não o vi também. Na terça desliguei-me do grupo e caí no mar alto da depravação, só, com uma roupa leve por cima da pele e todos os maus instintos fustigados. De resto a cidade inteira estava assim. E' o momento em que por trás das máscaras as meninas confessam paixões aos rapazes, é o instante em que as ligações mais secretas transparecem, em que a virgindade é dúbia e todos nós a achamos inútil, a honra uma caceteação, o bom-senso uma fadga. Nesse momento tudo é possível, os maiores absurdos, os maiores crimes: nesse momento há um riso que galvaniza os sentidos e o beijo se desata naturalmente.

Eu estava trepidante, com uma ansia de acanhar-me, quase mórbida. Nada de raparigas do galarim perfumadas e por demais conhecidas, nada do contacto familiar, mais o deboche anónimo, o deboche ritual de chegar, pegar, acabar, continuar. Era ignóbil. Felizmente muita gente sofre do mesmo mal no carnaval.

— A quem o dizes... suspirou Maria de Flor.

— Mas eu estava sem sorte,

com a *guigne*, com o caiporismo dos difuntos índios. Era aproximar-me, era ver fugir a presa projetada. Depois de uma dessas caçadas pelas avenidas e pelas praças, embarafustei pelo São Pedro, met-me nas danças, rocei-me àquela gente em geral pouco limpa, insisti, aqui, ali. Nada!

— E' quando se fica mais nervoso!

— Exatamente. Fiquei nervoso até o fim do baile, vi sair toda a gente, e saí mais desesperado. Eram três horas da manhã. O movimento das ruas abrandara. Os outros bailes já tinham acabado. As praças, horas antes incendiadas pelos projetores elétricos e as cambiantes enfumadas dos fogos de bengala, caíam em sombras — sombras cúmplices da madrugada urbana. E só, indicando a folia, a excitação da cidade, um ou outro arriado levando máscaras aos beijos ou alguma fantasia tilintando guizos pelas calçadas fôfas de confeti. Oh! a impressão enervante dessas figuras irreais na semi-sombra das horas mortas, roçando as calçadas, tilintando aqui, ali, nu som perdido de guizo! Parece qualquer coisa de impalpável, de vago, de enorme, emergindo da treva aos pedaços... E os dominós embuçados, as dançarinas amarfanhadas, a coleção indecisa dos máscaras de último instante arrastando-se extenuados! Dei para andar pelo largo do Rocio e ia caminhando para os lados da Secretaria do Interior, quando vi, parado, o bebê de tarlatana rosa.

— Era ele! Sentí palpitar-me o coração. Parei.

— "Os bons amigos sempre se encontram" disse. O bebê sorriu sem dizer uma palavra. Estás esperando alguém? Fêz um gesto com a cabeça que não. Enlacei-o. — Vens comigo? — Onde quizeres! Peguei-lhe nas mãos. Estavam úmidas mas eram bem tratadas. Procurei dar-lhe um beijo. Ela recuou. Os meus lábios tocaram apenas a ponta fria do seu nariz. Fiquei louco.

— Por pouco...

— Não era preciso mais no Carnaval, tanto mais quanto ela dizia com a sua voz arfante e líbrica:

— "Aqui não!" Passei-lhe a braço pela cintura e fomos andando sem dar palavra. Ela apoiava-se em mim, mas era quem dirigia o passeio e os seus olhos molhados pareciam fruir todo o bestial desejo que os meus diziam. Nessas frases do amor não se conversa. Não trocamos uma frase. Eu sentia a ritmia desordenada do meu coração e o sangue em desespero. Que mulher! Que vibração! Tínhamos voltado o jardim. Diante da entrada que fica fronteira à rua Leopoldina, ela parou, hesitou. Depois arrastou-me, atravessou a praça, metemo-nos pela rua, escura e sem luz. Ao fundo o silêncio das Belas Artes Apertei-a mais. Ela aconchegou-se mais. Como os meus olhos brilhavam! Atravessamos a rua Luiz de Camões, ficamos bem em baixo das sombras espessas do Conservatório de Música. Era enorme o silêncio e o ambiente tinha uma cor vagamente russa com a treva espancada um pouco pela luz dos combustores distantes. O meu bebê gordinho e rosa parecia um esquecimento do vício naquela aus-



teridade da noite. — Então vamos? indaguei. — Para onde? — Para a tua casa. — Ah! não, em casa não podes... Então por aí. — Entrar, sair, despir-me. Não sou disso! — Que queres tu filha? E' impossível ficar aqui na rua. Daqui a minutos passa a guarda. — Que tem? Não é possível que nos julguem aqui para bom fim, na madrugada de cinzas. Depois, às quatro tens que tirar a máscara. — Que máscara? — O nariz. — Ah! sim! E sem mais dizer puxou-me. Abracei-a. Beijeilhe os braços, beijeilhe o colo, beijeilhe o pescoço. Gulosamente a sua boca se oferecia. Em torno de nós o mundo era qualquer coisa de opaco e indeciso. Sorví-lhe o lábio.

Mas o meu nariz sentiu o contacto do nariz postico dela, um nariz com cheiro de resina, um nariz que fazia mal. — Tira o nariz! Ela segredou: Não! não! custa tanto a colocar. Procurei não tocar no nariz tão frio naquela carne de chama.

O pedaço de papelão, porém, agultava, parecia crescer, e eu sentia um mal estar curioso, um estado de inibição esquisito. — Que diabo! Não vás agora para casa com isso! Depois não te disfarça nada. — Disfarça sim! — Não! Procurei-lhe nos cabelos o cordão. Não tinha. Mas abraçando-me, beijando-me, o bebê de tarlatana rosa parecia uma possêssa tendo pressa. De novo os seus aproximaram-se da minha boca. Entreguei-me. O nariz roçava o meu, o nariz que não era dela, o nariz de fantasia. Então, sem poder resistir, fui aproximando a mão, aproximando, enquanto com a esquerda a enlaçava mais, e de chôfre, agarrei o papelão, arraqueio. Prêso dos meus lábios, com dois olhos que a cólera e o pavor pareciam fundir, eu tinha uma cabeça estranha, uma cabeça sem nariz, com dois buracos sangrentos atulhados de algodão, uma cabeça que era alucinadamente — uma caveira com carne...

Despreguei-a, recuei num imenso vômito de mim mesmo. Todo eu tremia de horror, de nojo. O bebê de tarlatana rosa emborcará no chão com a caveira voltada para mim, num chiôro que se arregaçava o beijo mostrando singularmente abaixo do arco do nariz os dentes alvos. — Perdôa. Perdôa! Não me batas. A culpa não é minha: no Carnaval é que eu posso gozar. Então, aproveito, ou não? Aproveito. Foste tu que quizeste...

Sacudia com a mão, pulava de pé num safanão que a devia ter desarticulado. Um vontade de cuspir, de lançar apertava-me a glote, e vinha-me o imperioso desejo de estmrrar aquêle nariz, de quebrar aquêles dentes, de matar aquêle atroz reverso da Luxúria... Mas um apito trilou. O guarda estava na esquina e olhava-nos, reparando naquela cena da semi-treva. Que fazer? Levantar a caveira ao posto policial? Dizer a todo mundo que a beijara? Não resisti. Afastei-me, apressei o passo e ao chegar ao largo inconscientemente deitei a correr como um louco para casa, os queixos batendo, ardendo em febre.

Quando parei à porta de casa para tirar a chave, é que reparei que a minha mão direita apertava uma pasta oleosa e sangrenta. Era o nariz do bebê de tarlatana rosa.

Heitor de Alencar parou, com o cigarro entre os dedos, apagado. Maria de Flor mostrava uma contração de horror na face e o doce Anatolio parecia mal. O próprio narrador tinha a camarinharia a fonte góticas de suor. Houve um silêncio agonioso. Afinal o barão, Belfort ergueu-se, tocou a campainha para que o criado trouxesse refrigerantes, e resumiu:

— Uma aventura, meus amigos, uma bela aventura. Quem não tem do Carnaval sua aventura? Esta é pelo menos empolgante.

E foi sentar-se ao piano.

«LITERATURA»

Está circulando mais um número de "Literatura", a vitoriosa publicação dirigida por Astrojildo Pereira. É o seguinte o sumário do número: Gastão Cruls, Os primeiros visitantes da Guanabara; Hugolino Uflacker, O último Hurley; Bagariu e Garcia Lorca, A casa das estrelas; Fernando Segismundo, O escritor e a democracia; Aluisio Medeiros, Tunel (poesia); Jorge Medauar, Pontilhão; Zofia Nalkowska Professor, Spanner; Dalcidio Jurandir, Sobre o centenário do "Manifesto Comunista"; Astrojildo Pereira, A propósito do Livro de Prestes; Floriano Gonçalves, Luz do Pântano; Dias da Costa, Noite grande; Moacir Werneck de Castro, Revistas norte-americanas; Alvaro Moreyra, O ponteiro dos minutos.

"A Manhã"

ÓRGÃO DE ATAQUES... DE RISO

"É o maior quintaferino do mundo"

O CASAMENTO DE ARCELINA

Realizou-se sexta-feira da semana passada, o enlace matrimonial de nossa diretora, Arcelina Mochel, advogada e vereadora com o dr. Masão Goto.

O ato civil foi assistido apenas pelos amigos mais íntimos do casal, parentes e padrinhos, que ofereceram depois um cock-tail na A. B. I.

Arcelina e Goto receberam, ao sair da pretoria, uma salva de palmas e os votos de felicidade dos seus amigos.



PARA A SUA BELEZA

As unhas

Diz uma lenda oriental muito antiga que foi um demônio perjurado quem pôs a unha no dedo da mulher. Não foi ele mal inspirado e cremos que nada há a reprovar-lhe. E, provavelmente, para acentuar o caráter satânico de suas unhas, pensou a mulher em pintá-las. Moda milenar: princesas e príncipes dos tempos mais remotos tingiam as unhas. Assim apenas ressuscitamos uma moda quase tão velha quanto o mundo...

Como antes da guerra, a gama atual dos esmaltes é muito grande, e a fantasia inesgotável. Mas, três ou quatro tons, apenas resumem o limite do bom gosto: são o vermelho róseo, o vermelho rubi, o vermelho púrpura e o vermelho granada. O único tema de controvérsia é o de saber se o esmalte deve cobrir a unha inteira ou deixar o branco de fora. Parece-nos que isso depende sempre de forma e da largura.

Perfumes...

Nossas avós e nossas mães escolhiam para toda a vida um único perfume. Citava-se o perfume de uma artista da mesma forma que se falava de seus vestidos ou da marca de seu automóvel.

Hoje, o mais que fazemos é preferir um perfume. O inverno, o verão, a suavidade de uma pele, chamam, exigem cada um o seu perfume próprio, levando-o depois o vento da temporada

LUIZ WERNECK DE CASTRO

ADVOGADO

Rua do Carmo, 49 - 2.º - Sala 2. - Diariamente, de 12 às 13 e 16 às 16 horas. Exceto aos sábados - Fone: 23-1054 -

Uma experiência

Uma de nossas amigas, Olivia Calabria, de Uberlândia (Minas Gerais), escreveu-nos uma carta da qual destacamos este trecho que servirá às Uniões Femininas, como uma experiência. Diz Olivia:

"Temos lutado com muitas dificuldades para organizar as Uniões Femininas aqui, devido o baixo nível político das mulheres. Creio que a leitura de MOMENTO FEMININO, nos ajudará muito para o levantamento desse trabalho.

Temos uma "Sociedade Pró Aquisição de Banha" que está

fazendo alguma coisa pelas reivindicações dos bairros. Um grupo de associadas compra um porco por semana e o reparte entre si. Esse trabalho repercutiu entre os agricultores que resolveram liquidar com a concorrência baixando Cr\$ 2,00 o quilo do porco que estava vendendo a Cr\$ 15,00. A Sociedade reparte o porco pelo preço de compra. E assim vamos trabalhando com gêneros de primeira necessidade, preocupadas no barateamento do custo de vida".



Este é o CORONEL TATUIRA

PERSONAGEM DO NOVO LIVRO DE

MONTEIRO LOBATO



ZE BRASIL

O COMPANHEIRO DE JECA TATU

Lançado pela EDITORIAL VITÓRIA LTDA

para todos os brasileiros!

EDITORIAL VITÓRIA LTDA

RUA DO CARMO 6, 13º ANDAR SALA 1306, RIO

PEÇA HOJE MESMO PELO REEMBOLSO!

Cr\$ 2,00

NOME	_____
ENDEREÇO	_____
CIDADE	_____
ESTADO	_____

A venda em todas as bancas do centro

Literatura

REVISTA MENSAL

Diretor:

ASTROJILDO PEREIRA

Publica estudos, ensaios, poemas, contos, críticas de livros, crônicas da vida literária, documentos de interesse cultural, etc., etc.

Assinatura por 12 meses: Cr\$ 50,00

Preço do número avulso Cr\$ 5,00

Redação e Administração: ALCINDO GUANABARA,

17 - 7.º andar - Sala 702 RIO DE JANEIRO

A MULHER NOS MUSEUS

Nicole Beauchamps é uma velhinha de quase noventa anos, que passa a vida percorrendo os museus de Paris. É considerada uma das mulheres mais cultas da França. Veste-se infalivelmente de negro; na cabeça, sempre uma touca negra orlada de branco, símbolo de sua viuvez.

Oriunda de Clermont-Ferrand, ex-atriz de província, esta mulher, que aos 86 anos ainda tem sede de aprender, é perita em obras de arte do Renascimento. Aconselhada por ela, Mme. Schiaparelli (a celebre modista parisiense) comprou a maior parte de seu famoso museu particular de objetos de arte da época do Renascimento.

ADVOGADA

ARCELINA MOCHEL

Inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil sob o n.º 5.423

Escritório:

RUA WASHINGTON LUIZ, 32, 2.º - Tel. 23-4295

PENSAMENTO POLITICO DA MULHER



«CONCLAMO A MULHER BRASILEIRA PARA QUE COLABORE NA LIBERTAÇÃO DE «ZÉ BRASIL»! «A CARESTIA ESTÁ LIQUIDANDO O CAPITAL MAIS VALIOSO: O HOMEM»

com prosseguimento a nossa "enquete" publicamos hoje a opinião de D. Clemence Calvino sobre assuntos de palpitante interesse.

A MULHER E A POLITICA

A nossa pergunta: "Se deve a mulher participar da vida política do país, e por que?", disse-nos ela:

— A mulher deve, pode e precisa lutar por uma participação mais ativa, direta e indiretamente, na vida política do Brasil.

— Por que?

— Porque na hora atual, em que uma onda indetenível de renovação de valores varre o mundo, impõe-se à mulher brasileira consciente dar o melhor dos seus esforços pelo levantamento do nível cultural e político da mulher, diretamente, e do homem, indiretamente, através da sua influência familiar, pois que, mesmo que o quebra não poderá ser uma assistente passiva dos acontecimentos que se desenrolam aqui, refletindo intensamente os do mundo, visto envolverem fundo seus interesses morais e econômicos.



ENCARO COM OTIMISMO O FUTURO

— Que pensa do momento político que atravessamos?

— Estamos, aqui e no mundo, vivendo os dias de apreensão que antecedem às grandes crises cíclicas do capitalismo. Aqui, particularmente, o momento político reflete diretamente, sem ambages, a situação semi-colonial do nosso país, dependente do imperialismo yanque, mas em cujo seio se desenvolvem forças econômicas e políticas que aspiram a liberdade para poderem expandir-se. Isto determina a confusão política reinante. Há, entre nós, forças presas ao passado que desejam eternizar, vinculadas às forças conservadoras, reacionárias, mundiais; forças progressistas que se esforçam por projetar-se para a frente, promovendo o desenvolvimento do Brasil; forças tímidas e vacilantes, que querem o progresso mas temem o progresso. Como a História nos ensina que a humanidade tem progredido sempre, a despeito de toda reação das forças retrógradas e conservadoras, encaro com otimismo o futuro.

SUB-NUTRIÇÃO, CAMPO ABERTO AS DOENÇAS

— Que pensa sobre a carestia?

— A carestia está liquidando o capital mais valioso: o homem, pois determina a sub-nutrição, campo aberto à germinação de todas as doenças que enfraquecem e destroem o organismo humano. A sua causa é devida, principalmente, à escassez de alimentos, por insuficiente produção; e também pelo cada

vez mais baixo poder aquisitivo dos assalariados, além da atual inflação de preços, tornada insuportável pela especulação desenfreada.

COMO RESOLVER OS PROBLEMAS DA CARESTIA?

E prossegue a nossa entrevistada:

— Na situação atual do Brasil, no quadro mundial, não há possibilidade de uma revisão completa da maneira por que produzimos e distribuímos o produzido, visto que exigiria uma transformação de nossa estrutura econômica. Portanto, continuando tudo como agora e dantes, não há solução radical para a carestia, que tende até a agravar-se de mais em mais, com a inflação geral que se desenvolverá, e à medida que o mundo marcha para a grande crise econômica em que mergulhará não remotamente.

«ZÉ BRASIL» E' A LITERATURA A SERVIÇO DO POVO

— Que pensa sobre o livro "Zé Brasil", de Monteiro Lobato e sua apreensão em São Paulo?

— No livro "Zé Brasil", mais uma vez Monteiro Lobato se revela o grande vanguardista que é. Esse pequeno grande livro é a expressão grande de uma realidade lastimável. É a literatura a serviço dos interesses imediatos do povo. É a literatura que concorre para o progresso do Brasil. É a fonte onde se deveriam inspirar os nossos literatos, que ainda fazem "literatura pela literatura", ficando nos seus trabalhos distraídos da dolorosa realidade que vivemos, ao invés de lê-la e discutir a sua liquidação.

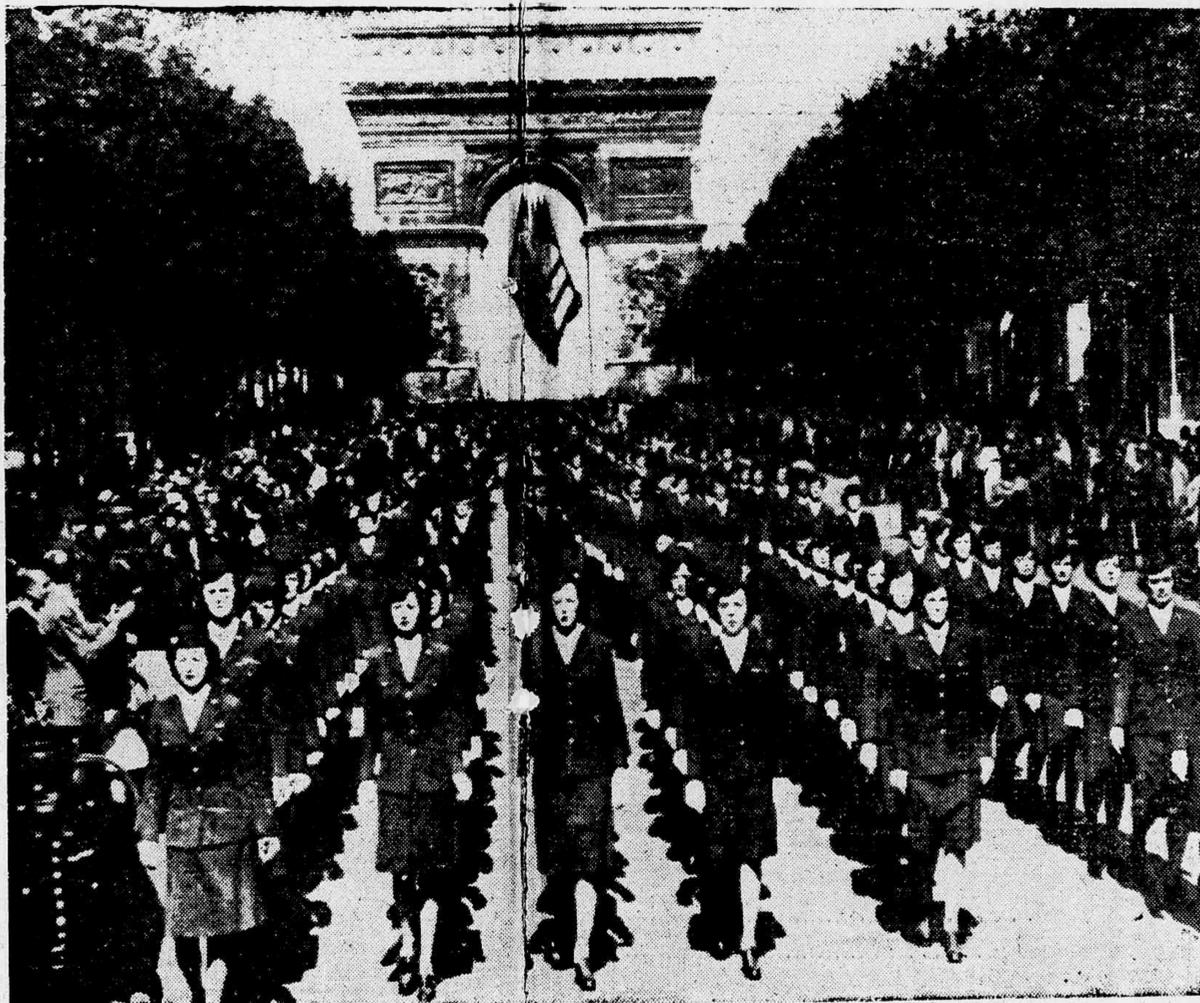
Quanto à apreensão do "Zé Brasil", não há nada de extraordinário, tanto é certa que muitos dos que se encontram no governo do Brasil defendem apenas a liberdade de se enganar o povo e não a de exprimir os seus anseios e a orientá-lo na solução patriótica dos graves problemas nacionais.

A liberdade de pensamento está condicionada pelos interesses da classe dominante. Compreendo, pois, a apreensão de "Zé Brasil" e por isso mesmo conclamo a mulher brasileira para que colabore na libertação de "Zé Brasil".

AS MULHERES E AS ELEIÇÕES NOS ESTADOS UNIDOS

Henry Wallace é o terceiro candidato a presidência dos Estados Unidos. É um candidato forjado na tempera democrática de Roosevelt. Tem desmascarado o imperialismo americano, e, apoiado nas correntes progressistas de sua Pátria, é hoje, uma esperança para seu povo, que começa a sentir, na própria carne, o efeito da política econômica de Truman. O dinheiro do povo americano está sendo empregado para comprar traidores de outras nações.

Um dos jornais de domingo último publica diversas cartas dirigidas a Wallace. Cartas de mulheres, cujos lares já foram atingidos pela miséria. Cartas de mulheres que apoiam o seu programa de paz, de compreensão e entendimento entre as nações. As mulheres americanas como nós, desejam paz. Elas estão firmemente decididas a lutar para que os banqueiros que governam o país não escravizem outros povos utilizando seus filhos. São convenientes as cartas das mulheres americanas, em seu apoio a Henry Wallace. Há, os banqueiros americanos, há os Trumans, mas há as mães americanas, que são as nossas companheiras de luta.



1) Lutaram na aviação; 2) Desfilando depois da vitória.

PELA PAZ

Ainda estão cheios de lágrimas nossos olhos. As mães que deram seus filhos à luta contra o fascismo, aquelas que com eles se juntaram na luta subterrânea, as mulheres que enviuvaram, as que perderam seus noivos, as que viram morrer crianças, essas mulheres do mundo todo, não querem a guerra. Seus olhos não enxugaram ainda de todas as lágrimas choradas pelo que viam e pelo que sofriam.

Qualquer que seja o credo político ou religioso, qualquer que seja sua nacionalidade, as mulheres não querem a guerra.

As mulheres querem que as somas fabulosas que servem para criar artefatos de morte sejam empregadas para assegurar e embelezar-lhes a vida. Querem que seus filhos não conheçam as privações e cresçam e se desenvolvem plenamente, num mundo livre onde haja lugar para todos.

As mulheres que ajudaram a ganhar a guerra querem ajudar a reconstrução do mundo sem guerra, sem opressão, sem reação.

As mulheres querem um papel na edificação de uma paz duradoura.

E por tudo isso nossa união se faz cada vez mais necessária, e por tudo isso, para que haja paz, democracia, progresso, é preciso não deixar que os senhores do mundo riem de nossas lágrimas. É preciso que nossa união lhes ensine a respeitar nossa força como foi recusado nosso trabalho durante a guerra.

Queremos que fiquem enxutos e alegres os nossos olhos.

PELA DEMOCRACIA

CONTRA A REAÇÃO

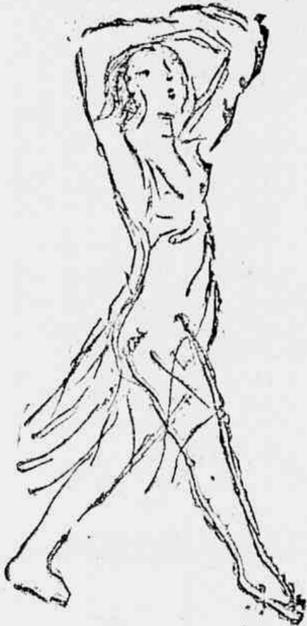
ISADORA

LUIZ F. LARANJEIRA

Uma das características mais interessantes, e a mais encantadora, do espírito multiforme da extraordinária mulher que foi Isadora Duncan, era sua dúvida, o seu desvelado carinho pelo povo.

Grande artista, grande amorosa, grande e audaciosa realizadora das mais elevadas tentativas de retorno à perdida beleza helênica, a sua alma vibrava intensamente ante as injustiças que feriam os miseráveis. O seu ideal de Arte, em cujas aras sacrificou a vida inteira, imanava dessa fonte inexaurível que é o povo, e, existia, sobretudo, para traduzir em exteriorizações rebeldes, as suas desditas, os seus infortúnios, a sua dor interminável.

O caráter desconforme da sua arte, radica, principalmente, na angustiada tragédia humana, na pungente vida dos párias. No livro "A Minha Vida", estupendo e admirável repositório das suas sinceras e voluntariosas confissões, abundam as provas do seu grande amor pelos desafortunados.



No decorrer de uma "tourné" pelo império dos Czars, ao desembarcar, de madrugada, em Kieff, na companhia de Skene, a quem chama o pianista de nervos de aço, Isadora teve uma estranha e horrível alucinação. O trenó deslizava pela neve e Isadora ia semi-adormecida. "De repente — diz ela — vi, de um lado e outro da estrada, mui nitidamente, duas filas de ataúdes, — ataúdes de crianças... Agarrei-me ao braço de Skene: Olhe — disse-lhe — tôdas as crianças morrem!"

Ele tranquilizou-me: — Não; não há senão a neve, as

escarpas de neve, dos dois lados da estrada. Que estranha alucinação!

"O médico diagnosticou uma ligeira comoção cerebral e disse-me que não devia dançar. Manifestei o meu horror a desgostar o público e insisti para que me deixassem ir ao teatro. O programa era consagrado a Chopin e ao fim do espetáculo disse, de súbito, a Skene:

— Toque a "Marcha Fúnebre".

— Por que? — perguntou.

— Por que? — perguntou ele — Nunca a dançou...

— Não importa, toque-a.

E dancei nessa noite a "Marcha Fúnebre". Imaginei uma criatura que conduzi-se nos braços o seu filho morto, num passo lento e hesitante, para o lugar do repouso. Dancei a descida ao túmulo e a evolução do espírito escapando-se da sua prisão carnal e subindo para a luz, para a ressurreição!"

Esta mulher invulgar, quer pela sua cultura, quer pela sua requintada sensibilidade artística, quer pela sua inigualável sensibilidade amorosa, quer ainda pelas suas insuperáveis qualidades de realizadora dos mais ousados e dos mais geniais cometimentos, trazia desde o ventre materno, a ansiedade manifesta de Univesalizar a Dança como Arte.

Pequenina ainda, agrupava as criancinhas da vizinhança para lhes ensinar os primórdios da sua dança rítmica, que ela ia aprendendo, insensivelmente, no fluxo e refluxo das ondas... E quando, depois de ter experimentado grande número das duras privações que esta vida reserva a quem peca por demasia de escrúpulos e carência de espírito prático, alcançou triunfos e dinheiro, a sua aspiração suprema consistia em criar uma escola de dança para as crianças do povo...

Essa aspiração não foi balada. Um dia a imprensa berlinense pôde anunciar ao mundo que a Escola de Isadora Duncan estava aberta à adoção de crianças, dotadas de talento, que desejassem converter-se em sacerdotisas da Dança — essa arte que ela queria ensinar a milhares de crianças do povo. E foi tal o número de concorrentes, e tal o afã de Isadora para encher a sua "vila" de Frauen Trasse, que o dr. Hoffa, médico gracioso da Escola, pôde dizer: "Isto não é uma escola, é um hospital. Tôdas estas crianças têm



taras hereditárias e você precisará de ter muito mais cuidado para as conservar vivas, do que para as ensinar a dançar".

Um fato que evidencia insofismavelmente o desapêgo de Isadora pelos bens materiais ao mesmo tempo que nos patenteia a sua repulsa pelas fabulosas especulações de empresários pouco escrupulosos, é o de que ela nos reere, a propósito da sua primeira "tourné" pela Rússia: "Durante uma breve visita que fiz a Kieff, bandos de estudantes agrupam-se à porta do teatro e negaram-se a deixarme passar, sem lhes prometer um espetáculo a que eles pudessem assistir, pois os preços do recital eram demasiadamente elevados para eles. Tinha já saído do teatro e eles continuavam a manifestar o seu ressentimento contra o empresário. Levantei-me do trem e disse-lhes quanto seria feliz se a minha arte pudesse inspirar a juventude intelectual da Rússia, porque em nenhum outro país os estudantes se preocupam tanto com a Arte e com o Ideal.

UTRILLO

O pintor francês Utrillo apresentou atualmente em Paris, na Galeria Petrides, algumas de suas melhores obras. São quarenta telas que, em sua própria diversidade, mostram como se pode estabelecer uma unidade, não por meio dum processo, mas através duma sensibilidade.

Em face das polémicas que dividem os meios artísticos esta exposição tem um valor singularmente atual. Com efeito, que significam os sistemas, as ideologias estéticas quando deparam com um temperamento indiscutível? O instinto ou o dom — se impõe com tanta evidência que toda a discussão é inútil. Só um triunfo se destaca: o do temperamento. O espectador logo se apercebe de que, qualquer que seja a fórmula adotada, a natureza profunda do artista imprime, através dos mais diversos momentos, uma unidade que é a do criador.



Carne de porco com maçã

Corte em pequenos bifes a carne de porco e tempere com sal e pimenta do reino. Corte em fatias duas maçãs, um quilo de batatas e duas cebôlas. Em seguida unte de manteiga um prato coberto que vá ao forno: arrume tudo em camadas sendo a última de batatas. Antes de ir ao forno espalhe sobre o prato um pouco de gordura e enfeite com umas fatias de toucinho.

É necessário que a carne fique bem cozida e para isso o forno deve ser bem quente durante duas a três horas.

Prepare num prato que vá ao forno: Uma colher de sopa de farinha de trigo, quatro gemas de ovo, um pouco de salsa e cebolinha picadas e pimenta, conforme o gosto. Misture tudo muito bem e cozinhe mexendo em fogo brando. Quebre em seguida dois ou três ovos sobre a massa, temperando com sal e cozinhando com uma pá de branzas. Sirva quente esse prato delicioso.

Dissolva lentamente 125 gramas de chocolate em três colheres de água morna.

Quando estiver bem dissolvido junte 60 gramas de manteiga fresca e continuei mexendo até formar uma espécie de creme. Então misture, uma a uma, 3 gemas de ovos, 75 gramas de açúcar em pó, e 60 gramas de farinha de trigo para que a massa fique mais leve. Depois de tudo bem batido junte as claras em neve.

Ponha a massa em forma untada com manteiga (não encha a fôrma) e leve a um forno que não esteja muito quente.

Quando o palito sair sem a menor aderência da massa do bolo é porque o mesmo está assado.

GRAFOLOGIA

Altra revela a pessoa

SONHADORA — Rio — O seu retrato grafológico não pode ser muito fiel, porque você não assinou o que escreveu. Mas, posso dizer que sua vida é acidentada e pouco feliz. Que

é muito maltratada moralmente, vivendo quase sem alegria. É ainda: que tem uma ternura imensa para aqueles que ama, podendo também odiar ferozmente, se tiver motivos bastantes.

CURIOSIDADES

Você sabe como apareceu a palavra "sandwich"?

Um cavalheiro inglês chamado John Montagu, conde de Sandwich servia aos seus companheiros de jogo (ele gostava de comer jogando) pedaços de pão partidos ao meio entre os quais havia ora presunto, ora queijo, ora outras coisas.

Seu nome serviu para designar essa forma de comida. E o certo é dizer: "um sandwich", porque o nome é masculino.

DIVA OTTO MARINA — Rio — Você é uma jovem nervosa e impressionável — suggestionando-se frequentemente com grande prejuízo para a sua paz de espírito, o seu progresso moral e, até para a sua vida mental. Deve fugir a essas influências nocivas e retemperar as energias com impressões saudáveis e animadoras. É inteligente e dotada de certa curiosidade intelectual, mas uma certa inércia a impede de agir de forma desassomburada contra as coisas inúteis que se habituou, desde o berço, a adotar como essenciais. É vaidosa e ciosa de sua feminilidade. Romântica e sentimental, sem qualquer utilitarismo.

Distribuidora Unidade

OBRAS SOCIAIS — REVISTAS E JORNAIS

Accepta todo e qualquer pedido de livros pelo serviço de —

REEMBOLSO POSTAL

RUA GENERAL CAMARA, 381, 1.º AND.
PORTO ALEGRE

A LETRA REVELA A PESSOA !

PEÇA UM RETRATO GRAFOLÓGICO

Nome

Pseudônimo

Inclua uma página manuserita em papel sem pauta.

Remeta para a Caixa Postal 2013, "MOMENTO FEMININO" — RIO DE JANEIRO

nino não podia negar que era engraçado — Maggie ficou tão esquisita!

— Agora, Tom, corte atrás, para mim, — pediu a menina, exaltada com a própria coragem e ansiosa para acabar a tacaquia.

— Vai ficar todo estragado, você sabe? — perguntou o menino, acenando com a cabeça de modo admoestador, e hesitando um pouco em pegar a tesoura.

— Não faz mal, ande depressa! — replicou Maggie, batendo levemente com o pé. Suas faces estavam completamente ruborizadas.

Os maços negros de cabelo eram tão espessos, que nada seria tão tentador para um rapaz que já tinha experimentado o prazer proibido de cortar a crina do ponoi. Eu falo para aqueles que conhecem a satisfação de fazer uma tesoura entrar por uma densa massa de cabelos. Um delicioso ranger enquanto cortava, depois outro, e os cabelos de trás caíram pesadamente ao chão. Maggie ficou tosquiada de uma maneira desigual e imperfeita, porém tinha uma sensação de limpeza e de alívio, como se tivesse emergido de um bosque copado para o ar livre.

— Oh! Maggie, — disse Tom, pulando em redor dela, esfregando os olhos e rindo — oh! meu Deus! que esquisita que você está! Olhe-se no espelho. Está a cara caquê-lobo em quem a gente atira cascas de nozes, na escola.

Maggie sentiu uma inesperada agonia. Tinha pensado principalmente no alívio de seu cabelo importuno e importunas observações sobre ele, e também um pouco no triunfo que teria sobre a mãe e as tias por essa inesperada ação. Não fazia questão que seu cabelo ficasse bonito — isso já se sabe. Desejava somente que as pessoas a julgassem uma pequena inteligente, e não achassem defeito nela. Mas agora quando Tom começou a se rir e dizer-lhe que parecia uma idiota, o seu trabalho tomou um novo aspecto. Olhou-se ao espelho. Tom continuava a caçar e a bater palmas. As faces rubras de Maggie começaram a empalidecer e os lábios a tremer um pouco.

— Xi! Maggie, você terá que descer para almoçar! Meu Deus!

— Não se ria de mim, Tom! — pediu Maggie, apaixonada, com um acesso de lágrimas raivosas, sapateando e dando-lhe um empurrão.

— Agora, paciência! — disse Tom. — Quem man-

dou cortar os cabelos? Eu vou descer. Vou farejar o almoço.

Apressou-se o menino em descer, deixando a pobre Maggie com aquela grande sensação do irremediável, que era mais uma experiência para a sua alma pequenina, pois podia ver claramente, agora que a coisa estava feita, que tinha sido mera tolice, e que teria que ouvir o pensar mais ainda a respeito do seu cabelo do que nunca. Por isso Maggie se envergonhou de seu ato com redobrado impulso, e passou a ver não só as consequências do gesto porém o que teria acontecido se não tivesse feito aquilo, com todos os detalhes e exageradas circunstâncias de uma imaginação ativa. Tom nunca fazia as mesmas espécies de tolices que Maggie. Tinha um admirável instinto de discernimento do que lhe traria vantagem ou desvantagem. Acontecia que êle, sendo mais teimoso e inflexível que Maggie, era sempre chamado severamente de travesso, pela mãe. Porém se Tom tivesse feito um erro daquela espécie, havia de sustentá-lo e de responsabilizar-se por êle, e não se arrependia. Se o menino quebrasse o chicote da carruagem de seu pai, batendo com êle no portão, êle mesmo não se julgaria culpado, pois acharia que o açoite é que embaraçara no gonzo do portão. Quando Tom Tulliver batia num portão, ficava convencido, não de que batidas nos portões, por meninos em geral, fôsem ato justificável, mas que êle, Tom Tulliver, tinha razão em bater num determinado portão. E não se desculpava por isso. Porém Maggie, que ficou chorando defronte do espelho, achava impossível que pudesse descer para almoçar e aguentar os olhares severos e as severas palavras das tias, enquanto Tom, Lúcia e Marta, que esperavam na mesa, e talvez seu pai e seus tios, se ririam dela. Como Tom se havia ido, naturalmente todos podiam fazê-lo. E se ela tivesse deixado seu cabelo sossegado, poderia estar sentada com Tom e Lúcia, comendo a torta de abricó e o pastel de natal. O que poderia ela fazer agora, senão soluçar?

Sentou-se tão desprotegida e desesperada, no meio de suas madeixas pretas, como Ajax no meio do seu rebanho morto.

Muito trivial, talvez, esta angústia há-de parecer aos mortais já curtidos, que tenham que pensar nas listas de Natal, nos amores passados, e em festas animadas. Mas não deixava de ser enorme para Maggie — talvez fôsse ainda mais do que o que temos o gosto de chama-

em antítese, os "verdadeiros desgostos da idade madura".

"— Ah! minha

"— Ah! minha filha! você terá que suportar ainda muito desgosto de verdade!" é uma consolação que quase todos nós ouvimos na nossa infância, e temos repetido a outras crianças logo que crescemos também. Quantas vezes todos nós soluçamos sentidamente, em pé, com as nossas perninhas nuas dentro dos pequenos sapatos, por havermo perdido de vista nossa mãe ou nossa pagem em algum lugar estranho! E a-pesar-de não nos podermos lembrar mais da angústia desses momentos e chorar sobre eles como fazemos lembrando sofrimentos de 5 ou 10 anos passados, cada instante infeliz deixa sua marca e vive para sempre conosco. Essas marcas, porém, se escondem irremediavelmente sob as firmes lembranças de nossa juventude e mocidade, e assim acontece que podemos olhar para os desgostos dos nossos filhos com um sorriso incrédulo, sem cogitarmos a realidade das suas dores. Existem algumas pessoas que podem recuperar as experiências da infância, não somente rememorando o que fizeram ou o que aconteceu, mas lembrando-se do que lhes agradava ou desagradava na meninice, com a mais íntima penetração e consciência. Recordam-se bem de como o tempo era longo entre um verão e outro, do que sentiam quando os colegas de escola os expulsavam de um jogo, porque sem querer jogavam a bola fora. Ou de que, num dia praticaram algum dano — levados pela ociosidade, e de chuva, nas férias, não sabendo com que se distraírem, desse dano resultou uma briga, e dessa briga um mau humor. Ou de que as mães se recusavam absolutamente a os deixarem usar roupas compridas ao invés, de curtas, enquanto que outros meninos da mesma idade já haviam pôsto calças compridas. Certamente, se pudessemos nos recordar dessas precoces amarguras, das obscuras preocupações, das perspectivas esquisitas sobre a concepção da vida, que davam às tristezas tanta intensidade, não despreziáramos as amarguras de nossos filhos.

— Senhorita Maggie, tem que descer já, — disse Kezia, entrando no quarto apressadamente. — Mas que é isso? Que é que esteve fazendo? — Nunca vi uma coisa tão horrível!

— Não amole, Kezia, — gritou Maggie, raivosa — vá-se embora!

— Mas eu estou lhe dizendo que a menina tem que descer já. Sua mãe é que mandou dizer, — replicou Kezia chegando-se a Maggie e pégando-a pelo braço para levanta-la do chão

— Vá-se embora, Kzia. Não quero comer nada, — disse Maggie, resistindo a força da empregada: — Não vou descer.

— Oh, esta bem, mas eu não posso ficar aqui. Espero que va almoçar lá embaixo. — Kezia foi-se embora novamente

— Maggie, voce e uma boba, — disse Tom, aparecendo no quarto, dez minutos depois. — Porque voce nao vem almoçar? Tem uma porção de coisas boas, e mamãe mandou dizer para voce vir. Porque voce esta chorando?

Oh! como aquilo era horrivel! Como Tom era tão rispido e indiferente! Se ele estivesse chorando no chão, Maggie choraria tambem. E o almoço que estava tao bom, e era com tanta fome! Era muito triste!

Porem Tom nao estava absolutamente rispido, não tinha vontade de chorar, nem achava que os desgostos de Maggie dessem para estragar-lhe a perspectiva dos doces. Chegou-se mais perto e encostou a cabeça na da menina, dizendo num jeito de agrado e conforto:

— Voce nao quer vir, entao, Maggiezinna? Quer que eu lhe traga uma fatia de torta, quando ganhar a minha, um pastel de nata e outras coisas?

— Qu-e-ro, respondeu Maggie começando a achar a vida um pouco mais toleravel.

— Muito bem, disse Tom, saindo. Depois voltou novamente a porta: — Mas você faria melhor se visse, ouviu? Tem cada sobremesa, nozes, vinho...

As lagrimas de Maggie cessaram, e ela ficou pensativa, quando Tom a deixou. Sua gulodice lhe havia alliviado a veemência da dor, e as nozes e o vinho começaram a exercer a devida influencia.

Vagarosamente ella se levantou do meio dos seus cabelos espalhados pelo chão e devagarzinho começou a descer a escada. Depois parou, encostando um ombro na fôlha da porta da sala de jantar, espiando pela abertura. Viu Tom e Lúcia, com uma cadeira vazia entre elles, e viu os pastéis de nata, num a ponta da mesa. Era demais! Ella deslizou até a cadeira vazia. Mas nem bem tinha sentado, e se arrependera, querendo voltar outra vez. A senhora Tulliver deu um pequeno grito quando

a viu, e de tanto susto deixou cair a concha dentro da mesa. Kezia não lhe havia contado a razão da recusa soperira com as mais sérias consequências para a toalha de Maggie para descer, não querendo dar à patroa um aborrecimento a hora do almoço. E esta pensou que não fôsse nada mais do que um pouco de birra, da qual a própria Maggie estava sofrendo, por ficar privada de uma parte da refeição.

O grito da senhora Tulliver fêz todos os olhos convergirem para o mesmo ponto. As faces e as orelhas de Maggie começaram a arder, enquanto o tio Glegg, bonzoso velho de cabeça branca, dizia :

— Olá! quem é esta menina? Não a conheço. É alguma pequena que você achou no caminho, Kezia?

— Porque foi ela cortar o cabelo? — perguntou Tulliver num tom meio baixo para o marido de Deane, sorrindo, achando muita graça. — Já viram uma maluquinha como esta?

— Porque, mocinha, você foi ficar com essa cara tão engraçada? — comentou o tio Pullet. E talvez, em toda a sua vida, nunca houvesse proferido uma observação que magoasse tanto.

— Mas que vergonha? — dizia a tia Glegg, na sua voz alta e severa, de reprovação. — As meninas que cortam os cabelos deviam apanhar e ficar a pão e água, e não descer para se sentarem à mesa com os tios e tias!

— Ora, ora! — exclamava o tio Glegg, procurando dar um tom de brincadeira a essa última sentença. — Depois ela vai ser posta de castigo. E eu acho, além disso, que devem cortar-lhe o resto do cabelo.

— Está mais que nunca com cara de cigana, — afirmou a tia Pullet em tom de compaixão: — Que pena, mana, que sua menina seja tão morena! O menino é tão claro. Tenho medo que isso a prejudique na vida, ser tão morena.

— Ela é travessa demais, e magoará muito o meu coração de mãe — afirmou a senhora Tulliver, com lágrimas nos olhos.

Maggie parecia estar ouvindo um côro de observações e caçadas. Seu primeiro impulso foi de raiva, que lhe deu um passageiro instante de desafio, e Tom achou que ela o estava sustentando levada pelo recente aparecimento da torta e dos pastéis de nata. Debaixo dessa

impressão, êle murmurou: "Viu, minha Maggie, bem que eu lhe avisei". Procurava ser amigo da irmã, mas a menina sentiu que Tom se regozijava com sua ignomínia. Sua frágil fôrça de desafio deixou-a por um instante. Seu coração se apertou, e a menina, abandonando a cadeira, correu para o pai, escondendo o rosto no seu ombro, e desatou em grandes soluços.

— Venha cá, venha cá, minha filha, — consolou-a o pai, meigamente, pondo os braços em redor dela — Não faz mal, você tem todo o direito de cortar seu cabelo, se isto lhe dá prazer. Não chore mais, seu pai está ao seu lado.

Deliciosas palavras de ternura! Maggie jamais esqueceu algum desses momentos em que o pai lhe tomou as dores. Guardou-os no coração, e neles pensaria muitos anos depois, quando alguém dissesse que seu pai era muito fraco para os filhos.

— Como seu marido estraga esta menina, Bessy! — comentou a senhora Glegg, num aparte. — Ser; a ru. na dela, se você não tomar cuidado. Meus pais nunca educaram os filhos assim. Senão, teríamos sido uma espécie de família muito diferente da que somos agora.

Os aborrecimentos domésticos da senhora Tulliver pareciam ter atingido nesse momento aquele ponto em que a insensibilidade começa. Não ouviu o que a irmã disse. Puxou para trás a touca de amarrar, e dispensou a torta com muda resignação.

Com a sobremesa, Maggie ficou sossegada, porque as crianças disseram que queriam comer as nozes e tomar o vinho na estufa de plantas, a-pesar-do dia estão tão agradável, e fugiram por entre os arbustos em flor do jardim com a alacridade de animalzinhos em liberdade.

A senhora Tulliver tinha as suas razões especiais, para dar tal permissão. Agora, o almoço estava terminado, e cada um desimpedido. Era o momento propício para Tulliver comunicar seus propósitos a respeito de Tom, sendo bom que êste estivesse ausente. As crianças costumavam ouvi-los conversar, mas tão indiferentes como se fôsem passarinhos, sem entenderem nada, por mais que esticassem o peçoço para ouvirem. Nessa ocasião porém a senhora Tulliver manifestou uma desusada discreção, porque tinha tido recentemente a percepção de que a ida para uma escola de padres era um ponto doloroso para Tom, que desejaria ir para uma escola

militar. A senhora Tulliver tinha a visão clara de que o marido faria o que entendesse, não obstante o que dissesse a mana Glegg ou o que a mana Pullet achasse. Mas assim elas não poderiam dizer, se não concordassem, que Bessy tinha aderido às loucuras do marido, sem ter sequer consultado seus próprios parentes.

— Senhor Tulliver! — chamou ela, interrompendo o marido na conversa com o sr. Deane — Está na hora de contar aos tios e tias das crianças o que você pensa fazer com Tom, não é?

— Muito bem, — disse Tulliver, um pouco rispidamente — não me oponho a contar a todos o que pretendo fazer com êle. Resolvi, — prosseguiu, olhando para os cunhados — resolvi mandá-lo para a escola do senhor Stelling, um pároco, em King's Lorton, allás um homem perfeito, penso eu, para pô-lo à altura de saber muitas coisas.

Houve um murmúrio de surpresa no grupo, como se costuma observar numa congregação quando se ouve do púlpito uma alusão às obrigações da semana. Era igualmente inacreditável para os tios e tias encontrarem um padre introduzido nos planos da família Tulliver. Para o tio Pullet, a surpresa seria ainda maior se Tulliver dissesse que ia mandar Tom para o "Lord Chancellor", pois tio Pullet pertencia a essa extinta classe de burgueses britânicos, vestidos com boas fazendas de lã, pagando grandes impostos e altas taxas, que iam à Igreja, e comiam um almoço particularmente bom aos domingos, sem no entanto se lembrarem que a Constituição Britânica da Igreja e do Estado tinha uma origem mais conhecida do que o sistema solar e a sestrêlas fixas. Era lamentável, porém verdadeiro, que Pullet confundia um bispo com uma espécie de baronete que podia ou não ser um clérigo. E como o reitor da sua paróquia era um homem de boa família e de fortuna, para a experiência de Pullet a idéia de que um clérigo pudesse ser um mestre-escola era muito remota para ser concebível.

Sabemos que é difícil para gente adiantada como a de agora, acreditar na ignorância de Pullet, porém fazamo-la refletir nas notáveis consequências de uma grande faculdade natural sob circunstâncias favoráveis, pois o tio Pullet tinha grande pendência para a ignorância. Ele foi o primeiro a trair o seu espanto :

— Como é que você o pode mandar para uma escola de padre?! — perguntou com uma admiração visível

nos olhos, olhando para os outros cunhados para ver se eles mostravam alguns sinais de compreensão.

— Porque os padres são os melhores mestres para o que desejo, — respondeu Tulliver, que nas surpresas desse mundo confuso se agarrava a qualquer ajuda com grande presteza e tenacidade. — A academia do Jaco não tinha padres, e era muito ruim para o menino. E resolvi que se o mandasse novamente para a escola, seria para alguém diferente de Jaco. Este Stelling, pelo que me disseram, é a espécie de homem que procuro, e vou mandar meu filho para a sua escola nesse verão, — concluiu ele num tom de decisão, abrindo a caixa de rapé e tirando uma pitada.

— Então, você vai pagar uma quantia enorme por semestre, Tulliver? Em geral, os clérigos cobram muito, comentou o sr. Deane, fungando o rapé vigorosamente, como sempre faz quando pretenda manter uma posição neutra.

— Como! Pois você pensa que o padre vai ensiná-lo a reconhecer uma boa qualidade de trigo, Tulliver? — perguntou Glegg, contente com o seu gracejo. Tendo se retirado dos negócios, sentia que não só lhe era permitido, mas conveniente, levar as coisas em brincadeira.

— Não, vocês compreendem, tracei um plano em minha cabeça a respeito de Tom, — explicou Tulliver, fazendo uma pausa e largando o copo.

— Bem, se me permitem uma opinião, o que raramente dou, — replicou a senhora Glegg, com um tom de amargor — eu gostaria de saber o que vai trazer de bom para o menino essa idéia de tirá-lo fora dos seus hábitos.

Tulliver falou sem olhar para a senhora Glegg, mas somente para a parte masculina dos presentes: — Saibam vocês que eu resolvi não meter Tom nos meus negócios. Tenho pensado sempre nisso tudo, e resolvi assim, depois que vi o que se deu com Garnett e o Filho. Pensei em colocá-lo num ramo em que possa entrar sem capital, e quero dar-lhe uma educação em que esteja sempre com os advogados e outras pessoas, a-fim-de que ele possa dar-me uma noção dessas coisas.

A senhora Glegg emitiu uma espécie de som gutural com os lábios fechados que sorriam com um misto de piedade e desdém. — Seria muito melhor para algumas pessoas, — sussurrou ela depois daquela introdução — se deixassem os advogados sossegados.



CARTA DE SANTOS

Santos, 5 de fevereiro de 1948.

Prezadas diretoras do "O MOMENTO FEMININO"

Acabando de ler a edição do dia 23 passado, não poderia deixar de enviar a minha opinião e também as minhas felicitações aos idealizadores dessa nobre campanha, que é a proteção as crianças e mães desamparadas. A minha opinião é que esse empreendimento não poderia ser melhor; que Deus nos conceda forças para vencermos, é o voto que todas as mulheres devem fazer, principalmente sendo mãe, pois assim sendo, sabemos valorizar muito mais, essas necessidades. Estariam abrigadas, centenas e centenas de crianças que andam, por aí jogadas sem alimentação adequada, sem instrução, sem tratamento médico.

Como tenho tido ocasiões

de vêr, incontável é o número de crianças atacadas de diversas doenças, proveniente quase sempre da sífilis, essa grave doença que domina o Brasil, assim como a tuberculose, etc.

Incontáveis são o número de famílias, que criam seus filhos nestes porões fétidos e escuros, que a cada passo, depara-se aqui em Santos.

Por estas infelizes crianças, é que será preciso vencermos essa luta. Depois então, dou minha opinião que as mães de família, auxiliem essas creches e maternidades, enviando roupinhas para os bebês e para as mães, alimentos, roupas, etc. Nesta parte desde já contem com o meu modesto auxílio.

Agradecendo a atenção, subscreve-se nova e assídua leitora do nosso "O MOMENTO FEMININO".

AINDA A CARNE

Os jornais andaram cheios de uma solução de enormes letras para o problema da carne. Não val faltar, dizia o Prefeito. E muita gente mal informada ou, ainda, não totalmente desiludida com o governo de fome, andou repetindo a famosa salda demagógica. Como todas as outras ilusões, essa, também, teve que morrer. E morrer sem choro, nem vela.

Os açougues de Ramos estão vendendo carne pôdre, completamente pôdre. A carne de primeira, que era vendida a Cr\$ 6,00 o quilo, está sendo vendida nos açougues de Laranjeiras e Catete a Cr\$ 7,20. A Cr\$ 7,00 e da seguinte maneira: 200 grs. de pele imprestável, para cada quilo. Quem precisar de carne, isto é carne provável, poste-se nas filas, desde 6 horas da manhã.

Onde está a carne boa, barata, sem racionamento? Está na hora do Prefeito responder, através de enormes títulos nos jornais. Mas, não responderá. As mulheres, porém, responderão exigindo que não se venda carne pôdre, nem se explore a sua miserável economia doméstica.

E, agora, perguntarão as mulheres, as donas de casa, aflitas, pensando na comida dos filhos e dos maridos: Não haverá um meio de solucionar, realmente, o problema? Naturalmente. É a intervenção nos frigoríficos estrangeiros. É não deixar que eles nos roubem a carne para industrializar, enlatar e exportar. Algumas latas virão de volta e ficarão arrumadinhas, muito bonitinhas, nas vitrines dos armazéns, para os ricos comprarem. Acontece, porém, que esse governo que aí está não val tomar providências contra os frigoríficos, pois está comprometido com o imperialismo. Como intervir nos frigoríficos, com evitar que eles arrebanhem todo o gado das invernadas, se eles representam, aqui, num "quintal", numa terra de selvagens, o ultra civilizado dólar americano? Acima do estômago vazio de nosso povo, da aflição e da miséria das mulheres, os apetites dos banqueiros americanos. Por isso a luta pela solução do problema da carne é a luta contra o imperialismo. Hoje, rouba comida, amanhã, quando o tivermos alimentado, roubará os nossos filhos. Lutemos, agora, pela comida e, nessa luta, preparemo-nos para lutar pelos nossos filhos, que não serão industrializados, nem enlatados por suas máquinas de guerra. O imperialismo americano e seus agentes que saibam desde agora, que defenderemos o direito de comer carne e que defenderemos o direito de não entregar-lhes nossos rapazes, nossa mocidade, para carne de canhão.

Anunciem em "MOMENTO FEMININO"



Há dias ouvimos duas senhoras conversando: "Ah! O Francisco Alves é o único cantor... Até hoje não apareceu outro".

Nada mais injusto do que isso. Concordamos em que o velho Chico é um cantor respeitável. Mas tem aparecido gente nova e de valor. Precisamos prestigiar a mocidade e os novos que se apresentam. Afinal, muitos cantôres tem aparecido. Veíamos um exemplo: Abilio Lessa. Jovem, boa voz, canta com sentimento e sensibilidade. E é um moreno simpático, conforme podem vocês mesmo verificar na fotografia.

Outro cantor que não é novo, mas é 100% um grande cantor, é o baiano Dorival Caymmi. Falar de música brasileira, sem citar Caymmi, é fugir a verdade. Ele, não canta músicas arrastadas, antigas, que mais parecem fados. Não explora o sentimentalismo choroso, como as canções antigas. Ele é realmente o compositor e cantor que fala do povo, dos seus costumes, de seu folk-lore. Aquela sua composição "Tomei um Ita no Norte", e a canção do retirante, são duas obras primas de nossa música...

Aliás, num dos próximos números vamos apresentar às nossas leitoras, uma entrevista com Dorival Caymmi. E é bom notar, também, como final de conversa, que tanto Abilio Lessa, como Dorival Caymmi, são progressistas inteligentes, e essencialmente democratas...

Só espero que com essa crônica, as "fãs" de Francisco Alves não fiquem zangadas... mas que admirem também os novos, que estão procurando de incentivo.

O CARNAVAL E AS EMPREGADAS DOMESTICAS

Reportagem de LÉA

Não é raro ouvirmos, de uma dona de casa, essa expressão:

— Chega o Carnaval e elas parece que tem o diabo no corpo! Não querem saber de nada! Vão embora mesmo! Essa gente não presta.

Mal se esquece essa dona de casa, que a empregada doméstica também é gente, gosta de se divertir e as suas diversões são muito poucas. As donas de casa, também querem se divertir no Carnaval, nos seus bailes, é claro, mas as empregadas domésticas querem entrar nos ranchos e cordões...

Resolvemos, procurar as empregadas domésticas para saber como pretendem passar o Carnaval... E eis as respostas:

— Tenho 4 filhos. Trabalho o ano todo, e só vejo os meus garotos no domingo e mesmo assim, quando posso sair. Nasci no morro e adoro o Carnaval. Quer saber de uma coisa? Meu último filho nasceu justamente num sábado de carnaval. No dia seguinte, que quase não podia me mexer, mas quando passava um bloco em frente da Pró-Matre, eu quase me torcia toda para vêr eles passando. Esqueci de tudo. Só pensava no Carnaval. E agora a minha patrão está zangada porque eu disse para ela que não vou trabalhar esses 3 dias! Ora, vou passear com meus filhos; vou para a Avenida, e pouco me importo com o resto... Já tenho amolações de mais.

Rosalinda, uma mulatinha muito bonita, copeira de uma granfina de Copacabana, onde moram americanos, falou também:

— A dona aí, na língua dela disse que nós não prestamos. Na verdade ela paga bem... mas no carnaval bem que ela vai para os bailes. E acha que a gente é cachorro que não tem direito. Pois eu vou mesmo! Se ela não me quizer de volta, que se arranje!

E lá se foi a Rosalinda, cantando em voz estridente "E com este que eu vou".

As empregadas domésticas, são praticamente servas. Trabalham o dia todo, tem hora de saída, e poucos dias livres. E o carnaval: é uma festa do povo. Encontram, nessa época uma válvula de escape para os seus recalques do ano todo. Maria, empregada em um apartamento da av. Beira Mar, declarou resolutamente:

— Economizei o ano todo! Eu trabalho prá mandar dinheiro prá minha família que mora no interior e morre de fome! Todo o mundo diz que empregada tem vida de rainha. Eu quero vêr uma rainha qualquer querer vir ser empregada! Pois sim; ninguém quer. Mas o dinheiro que eu guardei val ser para comprar uma fantasia alinhada. Uma cigana toda de setim, com brincos, colâres e tudo. Vou a um baile com o "nêco" e nos outros dias, vou para a Avenida. Minha patrão, está danada. Ela vai para o sitio e queria que eu fosse também para tomar conta das crianças. Vê lá si eu vou! Os filhos são dela e não meus! O tempo de escravo já passou!

Mas entre essas respostas, há também algumas tristes. Zuleika, preta, gorda e de cara triste respondeu:

— Não quero mais nada do carnaval... No ano passado, brinquei muito e me queimei... Está vendo esse pretinho? Foi do carnaval... E a senhora precisa vêr a luta que é arrastar uma casa prá trabalhar, prá quem tem criança. Ninguém quer. Tenho sofrido o diabo. Agora não quero nada do carnaval. Meu tempo já passou...

Juntando os niqueis que possuem e que juntaram durante o ano todo, as empregadas domésticas procuram se divertir nesses dias. E porque não? Sei que para as donas de casa, e para mim inclusive, não é lá muito agradável têr que ficar em casa com as crianças o almoço e tudo mais... Mas também não é justo prender essas mocas que se sacrificam o ano todo. Que se divirtam, pois tem esse direito... E além disso, quer eu queira ou não, como diz Maria — "O tempo da escravidão já passou" e hoje o povo está adquirindo o conhecimento de seu direitos e deles não corre mão, nem com a Rádio Patrulha, nem com a força bruta...

CLÍNICAS DE SENHORAS E CRIANÇAS

Pediatra — Dra. IRENE CID SCHENBERG

2as., 4as. e 6as. feiras — Das 15 às 18 horas

Ginecologista — DR. VASCONCELOS CID

3as. — 5as. e Sábados — Das 16 às 18 horas

EDIFÍCIO DARKE — Sala 1.825 — Tel.: 32-7709

AV. 13 DE MAIO — N.º 23 — 12.º andar

MODA

